

Pelourinho

Pelourin

Pelouro

Pelô

WALY SALOMÃO

1. O Pelourinho, segundo um velho uso português, é o símbolo da autoridade e da justiça da ordem estabelecida.

Local público de vergastação. Sítio de suplicios. Um circo correto, natural, lógico, providencial para uma sociedade escravista.

A boa consciência dos homens de bem se abanquetava na praça para assistir de camarote os danados da terra serem penitenciados por justa causa. Justa e inquestionável causa.

O muambeiro de negros, o traficante de escravos usava também a máscara do pio homem de bem patrono e benfeitor da Santa Casa da Misericórdia e outras obras afins. Quer consultar um listão de negreiros de boa cepa? Dê uma espiada no livro "Fluxo e Refluxo" de Pierre Verger, final do volume.

Pelourinho, emblema rubro da coragem do senhor de escravos. Enclave urbanístico muito bem projetado sob o prisma geopolítico. Purgatório e inferno levado a cena num anfiteatro; inquisitorial dum entreposto comercial numa feitoria ultramarina portuguesa.

2. Um pensamento claro e certo enquanto guia para a ação, assim se constitui a originalidade radical deste pensador orgânico que é o arquiteto Lina Bardi.

Um pensamento claro e certo enquanto ferramenta intelectual de transformação vale tanto ou vale mais que urânio enriquecido.

E onde exatamente localizar o ponto diferenciador da concepção do arquiteto Lina Bardi? Ora, Dona Lina é uma loba romana e todo

mundo sabe que Roma é uma cidade de intensa e poderosa vida popular. Pensa certo quando se recusa a fazer do Pelourinho uma aquarela de fachada, um vasto sepulcro caiado, um cenário, uma locação, um mero pano de fundo para novelas e novelas e filmecos pitorescos sobre o way of life baiano.

Sem a vibração da genuína vida popular, o Pelourinho viraria pastel de vento.

É importante marcar a notável coincidência dessa intuição de Bardi com a consciência do pessoal do Bloco Afro Olodum. Neguinho do Samba, diretor de bateria do bloco pede passagem: "Se o pessoal daqui souber tratar quem vem de fora, as pessoas não vão se afastar daqui. Tem gente que tem medo de vir por essas bandas. A gente leva uma vida miserável mas a maioria trabalha e dá duro.

Quem destroi o Pelourinho não são seus moradores, são os penetras". Ora, é gente como Neguinho do Samba e seu irmão Waldir Jubia-bá, Kátia, João Jorge e muitos outros que fizeram esta revolucionária inversão semântica e comportamental. Que revolução foi essa? Estarei superestimando o barulho da bufa de traque?

Quando eu vejo este rótulo Pelourinho Patrimônio da Humanidade fico pensando que a única possibilidade de não ser esta bandeira esfarrapada é o fato efetivo dela estar plantada no chão da altivez da consciência Olodum. Nenhuma tradução atualizada e contemporânea do verso de Caymmi "Você já foi à Bahia, Nega?" pode ser melhor do que a pergunta que eu faço aqui agora: você já foi algum dia espiar o ensaio do Olodum? Não é por acaso nem por modismo passageiro que o Olodum ocupa agora a linha de frente da sonoridade nacional. Foi a coragem de não macaquear as diferentes batidas das escolas de samba cariocas quer seja da Mangueira, seja da Mocidade Independente, que foi dando essa feição singular ao som Olodum.

Por exemplo, quando o Neguinho do Samba resolve não usar apito pra comandar os seus músicos e sabe de uma forma eficaz argumentar que ele sempre achou apito coisa de guarda de trânsito. O Olodum soube se impor, e sempre acoplado ao orgulho de pertencer ao Pelourinho. Isto tornou o Pelourinho um daqueles raros locais imantados. Imã tal qual inspiração não é banana que plantando dá.

3. Benin, mas por que Benin e não a Áustria por exemplo me indagava estupefato um grande publicitário baiano. Por que o Benin é a proto-Bahia — pensei calado.

Arlete Soares e Tasso Gadjanis me proporcionaram esta travessia do Atlântico nas asas da Varig, Varig, Varig, e eu ia recitando qual mantra os versos de Fernando Pessoa: "O mar, quanto de teu sal são lágrimas de Portugal". A grandeza da abdicação poética de Arthur Rimbaud ou a trivialidade de um safari nouveau riche por entre jornalistas brasileiros. Caso a duana me perguntasse — quais as armas que você está levando? Eu de pronto responderia: as armas da crítica.

O projeto de uma Bahia não localista, desprovincializada, não-autista, uma Bahia capaz de estabelecer pontes, conexões com Europa, Ásia, África e América. Será este um sonho louco, fora de propósito, utopia? Aqui não é missa encomendada nem tão pouco eu me enquandro na moldura do bajulador ou do escriba de panegírico mas é evidente que só um político parabolicamente antenado como é o caso de Mário Kertész ousaria criar esta cabeça-de-ponte da casa do Benin no Pelourinho.